

O mal-estar na sociedade espetacular

Nicole Venturin Padilha¹

RESUMO

Em 1967, Guy Debord fazia uma crítica à sociedade de sua época, intitulando-a de *Sociedade do Espetáculo*. Em sua visão, as relações eram mediadas e construídas por uma sucessão de imagens espetaculares, onde o ser dava espaço ao ter e/ou parecer ter. Este trabalho faz, então, uma reflexão: Não estaríamos vivendo hoje esse mesmo espetáculo nas redes sociais, onde *selfies* e imagens manipuladas constroem uma realidade à parte, na qual não há espaço para a falta, para a falha? E, nesse contexto social no qual estamos inseridos, há espaço para a metáfora pater-na? Afinal, ao identificarmos-nos com imagens ideais contempladas no virtual, parecemos retornar a um estágio inicial, em que nos constituímos a partir do desejo do Outro. Diante desse cenário, a depressão acaba por apresentar-se como um sintoma social do mal-estar em que vivemos, como uma denúncia de que, por mais que tentemos tornar a vida um espetáculo, o sofrimento sempre será inerente ao existir.

Palavras-chave: Espetáculo. Redes sociais. Estádio do espelho. Mal-estar. Depressão.

1 INTRODUÇÃO

Em seu livro, *A Sociedade do Espetáculo*, Guy Debord (1967, p.13-14) faz uma crítica à sociedade de sua época, caracterizando-a como um sistema social e de produção no qual a vida torna-se “uma imensa acumulação de espetáculos”.

¹ Psicóloga, Psicanalista em formação pelo CEPdePA/Serra.

Ou seja, para o autor, trata-se de uma realidade construída a partir de imagens, de um “pseudomundo à parte, objeto de pura contemplação”. Entretanto, Debord (1967) salienta que o espetáculo não se restringe a uma mera sucessão de imagens, mas configura um sistema de relações, de interações sociais, balizado e mediado por imagens.

Levando em consideração essa conceitualização de espetáculo, pode-se pensar que vivemos hoje, com as redes sociais, uma reatualização da sociedade do espetáculo, onde as pessoas relacionam-se a partir de postagens, de *selfies* e de imagens ideais, construindo um pseudomundo à parte, no qual as falhas, as frustrações e as privações não têm espaço. Espetáculo de uma felicidade construída, manipulada através de imagens. Pois, para Debord (1967), o espetáculo leva a uma busca generalizada pelo ter ou parecer ter, em detrimento do ser. E não é isso que percebemos consolidar-se nessa realidade virtual? Uma realidade construída a partir de aparências, a partir de um parecer ter e ser aquilo que configura o ideal social.

Entretanto, cabe salientar, desde já, que o propósito deste trabalho não está em generalizar as redes sociais como pura espetacularização do mundo, mas sim em analisar um tipo de interação social que ali se estabelece. Sabemos, é claro, como a tecnologia pode apresentar-se como um facilitador da comunicação na medida em que diminui fronteiras e permite aproximações – de conhecimento, de experiências etc. –, que, sem ela, não seriam possíveis. Mas nosso objetivo, neste momento, é dar ênfase às relações idealizadas que ali se estabelecem.

Nesse intuito, surge outra questão: Se o espetáculo representa uma fabricação de alienação, permaneceria o sujeito da contemporaneidade alienado ao desejo especular/espetacular do Outro? Ou seja, mero reflexo de um ideal social, que lhe diz o que deve ser ou aparentar ser para tornar-se objeto de desejo do desejo do Outro? Desse modo, estaríamos sujeitos a um processo de identificação primária, que Lacan (1966) denomina estágio do espelho. Nesse estágio, o bebê vivenciaria uma experiência alucinatória de unificação de sua imago corporal, a partir de uma imagem refletida, invertida de seu semelhante, o que prefiguraria sua “destinação alienante”. “Alienação fundamental que o fez construí-la como um outro” (LACAN, 1966, p. 251).

Assim, pode-se subentender, nas ideias de Debord (1967), essa imagem especular, reflexo alienado ao imaginário que o Outro lhe provém. Ou seja, uma sucessão de imagens construídas e manipuladas, provenientes de um discurso idealizante, na qual o sujeito é colocado numa posição de aparecer/contemplar, de uma completude falseada, à mercê da aprovação do Outro. Se o espetáculo torna-se, via redes sociais, um tipo de relação onde o sujeito deseja ser a imagem do desejo do Outro, pode-se pensar, assim, num retorno a um momento primordial de constituição psíquica, em que o bebê encontra-se alienado ao desejo da mãe.

Segundo Bernardino (2008), num primeiro momento, a mãe inscreve marcas pulsionalmente, libidinizando a criança na medida em que, além de oferecer ao bebê aquilo que lhe proporciona a sobrevivência física, também lhe permite uma sobrevivência psíquica. A mãe, além de oferecer o leite, por exemplo, oferece ao bebê o olhar, as palavras, o toque, o que vai gerando inscrições psíquicas de experiências prazerosas.

A experiência prazerosa está ligada a um assujeitamento momentâneo do bebê, no qual a criança se oferece como objeto de desejo da mãe. O bebê se coloca num lugar de falo imaginário, como suposto completar da falta da mãe, buscando fazer-se desejo do desejo da mãe (LACAN, 1957-1958). Entretanto, após essa primeira etapa, a da alienação, vem o momento seguinte, que permite a entrada de outras marcas, que não as maternas. Nesse momento, instala-se a metáfora paterna, com a incumbência de barrar, de mediar a relação desejante estabelecida entre mãe e bebê. Na concepção de Lacan (1957-1958), a criança percebe que é para o pai que a mãe se dirige, que ele não é o único objeto de desejo da mãe. O pai apresenta-se, assim, como a privação, como a proibição; o Outro que media também o desejo da mãe, submetendo o desejo à lei do Outro.

Numa época em que as relações parecem alienadas ao desejo especular/espetacular do Outro, haveria espaço para a metáfora paterna?

2 O ESPETÁCULO

Debord (1967, p. 15) definiu o espetáculo não como “um complemento do mundo real, um adereço decorativo. É o coração da irrealidade da sociedade

real”. Constitui-se, assim, como um modelo de vida dominante, cuja realidade passa a ser vivida – ou não vivida – a partir da contemplação do espetáculo, numa inversão na qual, segundo o autor, o “verdadeiro é um momento do falso”. Dessa maneira, a aparência torna-se a força motriz da vida humana.

Atualmente, o que percebemos frequentemente nas redes sociais é justamente uma vida de aparências, de aparentar ter/ser. Um ideal falseado de imagens, onde nada parece falhar/faltar e, se assim acontecer, sempre haverá um aplicativo e/ou um filtro capaz de tamponar esse furo. Imagens que se prestam a dar conta de um discurso social que prega “a busca da felicidade”, mas de uma felicidade que não basta ser vivenciada, precisa ser “espetacularizada”.

Assim, o espetáculo traz como mensagem e princípio fundamental que “o que aparece é bom e o que é bom aparece” (DEBORD, 1967, p. 17). Desse modo, as relações intersubjetivas sucumbem às imagens dirigidas ao olhar do Outro. E isso torna-se evidente quando nos deparamos com uma cena, por exemplo, de um grupo de amigos reunidos num bar, que, em vez de vivenciar a relação que ali se estabelece, parecem estar mais focados na produção de imagens e vídeos para as redes sociais, registros imprescindíveis de sua “felicidade”, “plenitude”, “gratidão” e tantos outros termos que permeiam o imago virtual.

O mundo real se converte em simples imagens, estas simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes típicas de um comportamento hipnótico. O espetáculo, como tendência para fazer ver, [...] corresponde à abstração generalizada da sociedade atual. É o contrário do diálogo. (DEBORD, 1967, p. 19).

Parecemos viver, em alguns momentos, um enfraquecimento das relações interpessoais e um engrandecimento das postagens virtuais – retratos de relações espetaculares, onde o que ganha sentido é o registro, em detrimento da vivência do momento.

Nesse sentido, Debord (1967) protocola que a sociedade do espetáculo fundamenta-se no reforço do isolamento, na produção de multidões solitárias, na qual o espetáculo providencia o papel a desempenhar, pautado na identificação com uma vida aparente, sem profundidade, onde figuram variados estilos de vida.

O indivíduo abandona sua autonomia na tentativa de encaixar-se nos modelos idealizados postulados pelo social, identificando-se com um “ser/ter” a ser admirado, contemplado. Desse modo, formulam-se falsas escolhas, pseudosubjetividades que, na verdade, são produto de uma justaposição de espetáculos e de papéis a desempenhar.

3 O DESEJO ESPETACULAR/ESPECULAR DO OUTRO

Lacan (1966, p. 97) definiu o estágio do espelho, vivenciado pela criança a partir dos seis meses de idade, como o momento no qual se daria “a matriz em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro, antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito”. Um eu inicial, constituído a partir de uma imagem, anterior à linguagem, ao simbólico.

Assim, para Lacan (1957-1958), essa imagem corporal primordial seria proveniente de uma *Gestalt*, de um reflexo especular que contemplaria a totalidade da forma de seu corpo, numa miragem antecipatória de sua potência subjetiva, de um devir do sujeito. O estágio do espelho propiciaria, assim, uma antecipação da imagem corporal, contraditória à insuficiência orgânica do bebê, e inauguraria, pela identificação com a imagem do semelhante, a dialética eu/social que permearia toda a sua constituição subjetiva, mediatizada pelo desejo do outro.

Desse modo, na formação do sujeito, há um primeiro momento no qual o eu se constitui como uma imagem, uma imagem especular mediadora entre o interno e o externo. Esse momento é primordial e antecede todas as identificações posteriores. Esse eu primordial configurar-se-ia, portanto, a partir da existência de um outro, que, nesse momento, se apresenta como olhar especular do desejo do Outro. Assim, para Lacan (1957-1958), o sujeito constitui-se a partir de alguém que lhe fala, o grande Outro. E, num momento inicial, esse Outro é a mãe: “Seu desejo é o desejo do desejo da mãe” (LACAN, 1957-1958, p.188).

É a partir dos cuidados [...] que a mãe inscreve marcas e empresta significados para nomear as sensações e compor-

tamentos da criança. Ou seja, o bebê se dirige a este Outro-espelho – encarnado neste outro semelhante – em busca de uma imagem que o totalize. É o olhar da mãe que antecipa a Gestalt de um corpo unificado no bebê. [...] se trata de um eu assujeitado ao Outro, e ao seu desejo. (IMANISHI, 2008, p. 141).

Nesse sentido, nos constituímos, inicialmente, a partir da alienação ao desejo do Outro, de uma imagem ideal capaz de captar o olhar de um outro. E, na sociedade do espetáculo virtual, parecemos retornar a esse momento inicial de completude imaginária, produto de uma sucessão de imagens de felicidade e plenitude, através das quais o sujeito busca ser objeto de amor do Outro.

Num momento posterior, entretanto, o pai entra nessa relação mãe-bebê “como aquele que priva a mãe do objeto de seu desejo [...] o objeto fálico” (LACAN, 1957-1958, p. 190). O pai intervém não como um personagem, mas como um direito. Na concepção de Lacan (1957-1958), o pai, assim, não é apenas um objeto, mas uma metáfora: o Nome-do-Pai, aquele que enuncia a lei, a lei da privação. E essa privação, da qual a mãe é objeto, o sujeito infantil assume ou não. E isso torna-se o ponto estruturante de toda a sua constituição posterior, o ponto nodal no Édipo. Trata-se, no nível do imaginário, ser ou não ser o falo. E essa relação é nodal, no sentido de que não será a mesma na neurose, na psicose e na perversão.

E, por fim, no último tempo edípico, o pai surge como o Ideal de eu, como aquele que possui o falo. “O pai pode dar à mãe o que ela deseja, e pode dar porque o possui” (LACAN, 1957-1958, p. 200). No desfecho do complexo de Édipo, o menino, então, identificar-se-ia com a virilidade do pai. E a menina passaria a saber onde está o falo e, assim, ir na direção do que o tem.

Entretanto, o que vemos no espetáculo das redes sociais é um processo diferente desse. Lá, o limite pode ser falseado. Sucessão de imagens onipotentes de um eu que seduz, que é objeto de desejo do olhar do outro. Espetáculo que fornece uma ilusão de completude do eu das *selfies*. Não é preciso buscar aquele que possui o falo, pois o falo está na construção imaginária do enquadramento, do filtro, da manipulação da imagem. No espetáculo virtual, parecemos retornar

a esse momento anterior, de identificação fálica, numa atitude de tudo poder ter/ser, uma vez que isso só depende de um clique.

4 DEPRESSÃO: O MAL-ESTAR DA NOSSA CIVILIZAÇÃO

Freud (1930 [1929], p. 83), em sua obra *O Mal-Estar na Civilização*, afirmava que “a vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós; proporcionamos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis”. Em contrapartida, o homem estaria sempre em busca da felicidade, aqui traduzida como a evitação da dor e de uma busca constante por experiências de intensos sentimentos de prazer.

Assim, na concepção de Freud (1930 [1929]), para suportar a vida, lançaríamos mão de medidas auxiliares, satisfações substitutivas, a fim de nos tornarmos insensíveis à dor e/ou capazes de extrair alguma possibilidade de prazer em meio ao sofrimento. Seriam estas medidas: a arte, as ilusões e as substâncias tóxicas.

E o que o espetáculo das redes sociais faz hoje senão forjar uma felicidade constante, de imagens de prazer, satisfação, em detrimento de qualquer possibilidade de sofrimento? Felicidade espetacular, fruto de uma ilusão, de uma outra realidade, construída como reflexo da demanda do Outro, da exigência atual do “seja feliz”.

Em sua obra, Freud (1930 [1929], p. 89) configura, como uma saída para o sofrimento, a tentativa de recriar o mundo, “construir um outro mundo, no qual os seus aspectos mais insuportáveis sejam eliminados e substituídos por outros mais adequados a nossos desejos”. Nesse momento, Freud referia-se ao delírio. E não seria isso que percebemos hoje na sociedade espetacular das redes sociais? A construção de um mundo à parte, ordenado a partir das demandas do Outro? Com a diferença de que, ao contrário do delírio, neste último caso, a reconstrução da realidade dar-se-ia de forma consciente.

Assim, poderíamos pensar na depressão como um sintoma do mal-estar de nossa civilização, pois, numa sociedade espetacular, onde a realidade virtual é constituída a partir de imagens ideais, a depressão apareceria como um sintoma social, a denúncia de uma “exigência de felicidade” que está além de nossa capacidade subjetiva.

Segundo Kehl (2009), a “escolha” pela depressão dar-se-ia no segundo tempo do Édipo, quando da entrada do pai rival. Nesse sentido, o depressivo, ao invés de disputar o falo com o pai, optaria por recuar, mantendo-se sob a proteção materna.

Ocorre que o futuro depressivo se detém a meio caminho do percurso em que os histéricos e obsessivos definem sua posição fantasmática: ao invés de enfrentar a rivalidade fálica, na tentativa de reverter os efeitos da perda que *já ocorreu*, os depressivos “escolhem” permanecer na condição de castrados. Isso não significa que tenham simbolizado a castração. Tampouco se trata das versões imaginárias da castração entendida como privação ou frustração, e sim de abster-se da reivindicação fálica, colocando-se sob o abrigo da *castração infantil*. (KEHL, 2009, p. 15).

Desse modo, o depressivo se colocaria numa posição de objeto impotente, indefeso, dependente da proteção do Outro. Mas, ao colocar-se nesse lugar, corre o risco de ser tomado como objeto passivo de satisfação da mãe.

Nesse sentido, a hipótese de Kehl (2009), a qual também é defendida neste trabalho, é que a depressão se configura, na contemporaneidade, como um sintoma do mal-estar de nossa civilização, como um sintoma social que denuncia a euforia e o exibicionismo de nosso tempo.

Pensamos que o silêncio do depressivo e seu abatimento, na verdade, poderiam ser vistos como um grito de denúncia frente à voracidade do espetáculo das redes sociais. Como uma denúncia de que, mesmo que evitemos a todo custo o enfrentamento da castração, ela ali está. Podemos forjar, com imagens perfeitas e manipuladas, uma falsa realidade, onde a dor, a tristeza, a falta não têm espaço. Mas por quanto tempo isso se sustenta? Até o momento em que novamente nos deparamos com o sofrimento inerente à vivência humana, ao mal-estar que a vida faz questão, constantemente, de lembrar-nos.

Assim, Kehl (2009, p. 23) utiliza o termo sintoma social “em primeiro lugar, para designar o sintoma, ou a estrutura clínica, que se encontra em tal desacordo

com a normatividade social que acaba por denunciar as contradições do discurso do Mestre”. E, mais adiante, complementa: “Analisar o aumento significativo das depressões como sintoma do mal-estar social no século XXI significa dizer que o sofrimento dos depressivos funciona como sinal de alarme contra aquilo que faz água na grande nau da sociedade maníaca em que vivemos” (KEHL, 2009, p. 31).

Sociedade cuja mania parece ganhar escoamento via redes sociais. Um espetáculo onde o eu ideal personifica-se nas imagens que ali compartilha, constituídas e “construídas” a partir do desejo especular de um Outro, que dita o que é digno de admiração e amor.

Mas e quando o mal-estar inexorável à vida faz-se presente? Já que, como já dissemos, por mais que tentemos forjar uma completude virtual, em algum momento, o sofrimento e a castração inerentes à vida humana far-se-ão presentes.

Freud (1930 [1929]) afirmava que o meio mais eficaz para evitar o sofrimento seria o químico, uma vez que incidiria diretamente sobre nossas sensações, sobre nosso organismo. A ingestão de certas drogas permitiria a vivência de sensações de prazer e a inibição das sensações de desprazer. Assim, essas substâncias possibilitariam “não só a produção imediata de prazer, mas também um grau altamente desejado de independência do mundo externo, pois sabe-se que, com esse ‘amortecedor’ de preocupações é possível, em qualquer ocasião, afastar-se da pressão da realidade e encontrar refúgio num mundo próprio” (FREUD, 1930 [1929], p. 86).

E não é essa busca pela “cura mágica” da dor que presenciamos na contemporaneidade, na qual não há lugar para o sofrimento, em que este deve ser mascarado quimicamente, através da medicalização e do aplacamento da dor? Numa sociedade onde o ideal de felicidade e de completude impera, qualquer ameaça a isso deve ser atacada. E o meio que percebemos, cada vez mais presente, é a intervenção química, numa tentativa “mágica” de mascarar o que é inerente ao humano: o sofrer. Mas que, numa sociedade espetacular, de imagens de contemplação e plenitude, deve ser rechaçado de qualquer maneira.

Nesse sentido, o sujeito depressivo, ou seja, o sujeito que evita o enfrentamento, encontra respaldo na ideologia contemporânea, de evitação do desprazer,

pelas vias científicas e mercadológicas. Nesse discurso, não se faz necessário enfrentar a dor – via análise, por exemplo –, uma vez que um medicamento é capaz de aplacá-la, falseá-la. Mas até que ponto isso é realmente possível?

O depressivo é, assim, o sujeito que se opõe aos ideais de felicidade contemporânea. Sua tristeza, seu abatimento, colocam-no na contramão da ilusão proporcionada pelas imagens especulares/espetaculares com que se depara no social. O recuo do depressivo apresenta-se como um refúgio às demandas de gozo do Outro. “Talvez por isso a indústria farmacêutica empenhe-se tanto em curá-lo, em manter ignorado o saber que se esconde sob sua obstinada recusa em inserir-se no tempo do Outro.” (KEHL, 2009, p.18).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciamos este artigo, propusemos uma pergunta: numa sociedade espetacular, em que as relações parecem alienadas ao desejo especular/espetacular do Outro, haveria espaço para a metáfora paterna? Essa é uma reflexão que não se encerra neste trabalho. Mas, por ora, poderíamos pensar em duas direções. Talvez no espetáculo das redes sociais, onde a felicidade é falseada através de imagens manipuladas de um ideal, de um estilo de ser/ter, de aparentar/contemplar, a falha e a falta não consigam se inscrever. Entretanto, como já dissemos no início deste trabalho, nossa análise não pretende generalizar, a partir do espetáculo que se evidencia nas redes sociais, todas as relações que ali se estabelecem, condenando-as como puro imaginário.

Além disso, mesmo que vivenciemos, nesse espetáculo, um retorno ao momento de constituição especular, no qual o bebê oferece-se como objeto de desejo do desejo do Outro, isto não significa que, na vivência interpessoal, para além da espetacularização do virtual, a lei não esteja instituída, pois, como Freud já afirmava em 1930, o sofrimento e o mal-estar são inerentes à vida humana.

Assim, cedo ou tarde, deparamo-nos com a castração, com o limite, com a dor do viver. E é justamente nesse ponto que a depressão parece configurar-se como um sintoma do mal-estar de nossa época. Uma vez que ela denuncia a ilusão de um discurso social no qual impera um ideal de felicidade. Ou seja, um

discurso cuja felicidade pode ser alcançada por meio do ter ou do parecer ter; no qual é vendida a ilusão de que qualquer dor pode ser aplacada por uma solução química. Entretanto, apesar desse discurso, o sofrimento e a falta não deixaram de existir...

E, diante disso, o depressivo recua, silencia, pois a intensidade desse discurso está além do que ele é capaz de enfrentar. E, nesse processo de evitação, vemos um crescimento cada vez maior da medicalização e da normatização dos sujeitos, numa tentativa de encobrir o sofrimento inerente ao humano.

REFERÊNCIAS

BERNARDINO, L. M. F. Aspectos psíquicos do desenvolvimento infantil. In: D. Brito (Org.). **O cravo e a rosa: a psicanálise e a pediatria: um diálogo possível?** Salvador: Ágalma, 2008, p. 54-66.

DEBORD, G. (1967). **A sociedade do espetáculo**, 2003. Disponível em <<http://www.geocities.com/projetoperiferia>>. Acesso em 5 set. 2016.

FREUD, F. (1930 [1929]). O mal-estar na civilização. In:_____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 21).

IMANISHI, H. A. A metáfora na teoria lacaniana: o estádio do espelho. **Boletim de Psicologia**, v. 58, n. 129, p. 133-145, 2008.

KEHL, M. R. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2007.

LACAN, J. (1966). O estádio do espelho como formador da função do eu. In:_____. **Escritos** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1957-1958). **O Seminário. Livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

Depression: the society of the spectacle's uneasiness

Abstract

In 1967, Guy Debord would do a criticism to the society of his time, naming it The Society of the Spectacle. From his point of view, relations were mediated and built by a succession of spectacular images, where being would make room to having or looking like having. This work proposes a reflection: Wouldn't we be living today that same spectacle on social networks? Where selfies and manipulated images build a reality apart, in which there is no space for fault, for failure? And in this social context we are inserted in, is there room for paternal metaphor? After all, when we identify with ideal images contemplated on the web, we seem to return to this early stage, where we constitute ourselves from the desire of the Other. Before this scene, depression ends up presenting itself as a social symptom of the uneasiness we live in, as a denunciation that, although we try to make life a spectacle, suffering will always be inherent in existing.

Keywords: Spectacle. Social networks. Mirror stage. Uneasiness. Depression.